

## **Rompendo Silêncios: Escrever Performático Negro e Seus Mediares de Resistência**

### **Breaking the Silences: Black Performative Writing and Its Mediators of Resistance**

Izabela Fernandes de Souza\*

\* Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu - PR, 85866-000, e-mail: izabela.fernandesouza@gmail.com

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo versar sobre as práticas de resistências femininas negras, entendendo-as como aporte epistêmico que se apresentam como possibilidade analítica, como aporte crítico de luta, resistência e empoderamento coletivo. Nesse sentido, esta proposta tratará de entender as práticas femininas periféricas enegrecidas como reincidências ancestrais que, de acordo com Grada Kilomba (2008), confrontam os silêncios históricos para garantir seu direito de fala e especialmente para possibilitar que essa fala seja escutada. Busca-se nesta proposição analisar a performance *Rompendo Silêncios* (2017), realizada durante o ano de 2017 na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), como uma experiência que questiona os silêncios históricos e coloca-se em conexão com saberes e lutas ancestrais. O corpo nesta perspectiva, por meio do fazer performático e como repertório (TAYLOR, 2013) ancestral, inscreve um modo de construir e questionar uma sistemática sociocultural que atua na manutenção de assimétricas relações raciais, de gênero, classe, territorialidade, entre outras. A partir dos estudos de bell hooks (1995) sobre intelectualidade feminina negra, esta aproximação questiona a relação desigual e interseccional (CRENSHAW, 2002) entre mulheres, e destaca mecanismos de luta e multiplicação de saberes, em que o corpo é protagonista e gestante de miúdas porém potentes transformações.

**Palavras-chaves:** feminismo negro, performance, repertório.

**Abstract:** This research looks for the practices of black female resistance, understanding them as an epistemic contribution that presents itself as an analytical possibility, as a critical contribution to struggle, resistance and collective empowerment. In this sense, this proposal tries to understand the black peripheral female practices as ancestral recurrences that, according to Grada Kilomba (2008), confront the historical silences to guarantee their right to speak and especially to enable that speech to be heard. This proposition seeks to analyze the performance *Breaking Silences* (2017), held during 2017 at the Federal University of Latin American Integration (UNILA), as an experience that questions historical silences and places itself, in connection with ancestors knowledge and struggles. In this perspective, the body, through performing and as an ancestral repertoire (TAYLOR, 2013), inscribes a way of building and questioning a sociocultural system that works to maintain asymmetrical racial, gender, class and territoriality relations, among others. Based on studies by bell hooks (1995) on black female intellectuality, this approach questions the unequal and intersectional relationship (CRENSHAW, 2002) between women, and highlights mechanisms of struggle and multiplication of knowledge, in which the body is the protagonist and builder of women small but powerful transformations.

**Keywords:** black feminism, performance, repertoire.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo promover um debate sobre as práticas de resistências femininas periféricas, entendendo-as como aporte epistêmico e possibilidade metodológica crítica de luta, resistência e empoderamento coletivo. A análise parte do entendimento de que os fazeres femininos enegrecidos são reincidências que confrontam os silêncios históricos para garantir seu direito de fala, e especialmente por atuarem como mediadores da construção coletiva em torno da escuta. Vale ressaltar que nesta perspectiva o feminismo negro representa uma prática de resistência periférica.

Esta reflexão apresenta-se enquanto uma prática de mediação cultural, entendida por meio da concepção de uma intelectualidade negra que media contextos assimétricos e reconhece que o trabalho intelectual é parte necessária da luta por libertação. Como nos ensina bell hooks<sup>1</sup> (1995), quando o trabalho intelectual é apreendido como uma atividade útil de afeto comunitário, este pode ser encarado como uma ferramenta de luta, denúncia e reivindicação social.

A aproximação deste ensaio é conduzida pela noção de *escrevivência*, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo (2005), que nessa perspectiva cruza um fazer intelectual que media a prática e a teoria, marcada por seu lugar de fala negro e feminino. O escrever gesta um procedimento e uma estratégia negra, que busca inserir na escritura sua racionalidade como forma de sabotar e transgredir o significado histórico das letras enquanto elemento da *colonialidade do poder-saber-ser* (QUIJANO, 2005). A *escrevivência* nasce da necessidade de projetar na escrita a história do povo negro, a partir de suas próprias perspectivas, apresentando-se como mecanismo de registrar a escrita da vivência da mulher negra na sociedade brasileira.

O artigo dialoga com a performance *Rompendo Silêncios*, desenvolvida em 2017 na Universidade Federal da Integração Latino-americana - UNILA, como um conector entre teoria e prática. O fazer performático é lido como parte de uma intelectualidade que impulsiona, via seu repertório ancestral, diálogos e modos de movimentar silêncios históricos. Desse modo, esta reflexão aufere sobre um modo de resistir que tem como conexão a pertença comunitária ancestral e contribui, através do diálogo entre a prática

---

<sup>1</sup> Adotou como pseudônimo o nome de sua avó (**bell hooks**) e prefere que seja escrito em minúsculo para que a atenção seja concentrada em sua mensagem ao invés de em si mesma. Disponível em: <<http://grafiasnegras.blogspot.com.br/2013/10/personalidades-negras-bell-hooks.html>> Acessado em: 5 de agosto de 2017.

de corporalidades negras, com a construção de perspectivas históricas e teóricas mais inclusivas e antirracistas.

## TRANSITANDO POR REINCIDÊNCIAS FEMININAS NEGRAS PERIFÉRICAS

Para compreender o ethos de onde parte esta reflexão, recorro ao significado de epistemologia proposto por Grada Kilomba (2016), compartilhado em sua palestra performance intitulada *Descolonizando o conhecimento*. Epistemologia é um termo composto pela palavra grega *episteme*, que significa conhecimento, ciência, e *logos*, que significa palavra, discurso. Entende-se que epistemologia é, então, o conhecimento produzido por meio do emprego científico, ou de discursos autorizados, como a teoria do conhecimento que determina: os temas, os paradigmas, os métodos, a maneira e o formato que será produzido conhecimento *confiável e verdadeiro*. (KILOMBA, 2016) Como parte da batalha pelo reconhecimento e valorização de outros aportes epistêmicos, as lutas das mulheres negras, compostas e geradas a partir de uma racionalidade ancestral, ainda que marginalizadas, resistentes e dinâmicas, produzem um tecer sobre o conhecimento que inclui outras concepções, entre elas a sua vivência enquanto canal de transgressão.

Djamila Ribeiro dos Santos (2017) defende a especificidade da intelectualidade negra, que parte por outros princípios de conhecimento, pois enxerga na vivência e em saberes que não circulam dentro do espaço acadêmico, ou mesmo que são entendidos como menores, como importantes, potentes e necessários para o proceder do pensar as relações e práticas sociais, tal como para a condução do “pensar-se” e seus gestares, que articulam outras geografias da razão. (SANTOS, 2017)

A intelectualidade negra que adentra ao mundo letrado, e de maneira especial ao acadêmico, possui um desafio muito grande, pois o campo das letras foi conformado a partir da exclusão histórica, sistêmica e estrutural das racionalidades não-europeias. Os procedimentos de exclusão e negação de outros saberes, que não correspondem à perspectiva eurocêntrica, capitalista e suas amarras usualmente racionais, conformam um mundo letrado historicamente estabelecido como espaço de poder da branquitude.

Vale destacar que a terminologia “branquitude”, como sublinha Camila Moreira de Jesus (2014), relaciona-se com uma zona de conforto, com um lugar constante de privilégio social, material ou simbólico, que restringe o acesso do outro (JESUS, 2014). Por instaurar-se em um contexto secular de segregações, inscreve um lugar de vantagem

estrutural e sistêmica para um segmento racializado, socialmente reconhecido como branco. A concepção de branquitude denota a um projeto social histórico, de ordem nacional e global, pautado como superior, que o conduz ao isolamento de pessoas brancas, ao fortalecimento histórico de espaços e narrativas de cumplicidade entre os iguais (brancos), favorecendo uns aos outros historicamente, estruturalmente, simbolicamente e materialmente.

Dessa forma, a intelectualidade potencializada por mulheres negras e corporalidades periféricas que tomam a escrita como meio de expressão, significa por si só um ato de transgressão. Como afirma Djamilia Ribeiro dos Santos (2017), essa prática rompe com a lógica da branquitude, com seu discurso autorizado e único, porque possibilita a confluência de uma multiplicidade de fala, que se movimenta por meio de narrativas de incômodo. (SANTOS, 2017)

A escrita é marcada como um signo composto pela exclusão e legitimidade de um sujeito branco masculino, universalizado, por e em nome de um sistema colonialista, que segue pungente. Quando uma intelectualidade negra utiliza esse meio de expressão, necessita desenvolver técnicas e meios de sobreviver e/ou sabotar esse espaço histórico de poder da branquitude. Enquanto signo de resistência, a intelectualidade negra precisa recompor a racionalidade de seu povo, que na condição de seres humanos escravizados tiveram que desenvolver, (re) criar e transgredir: o massacre, a apropriação cultural, a opressão de seus saberes, de suas práticas e rituais, alicerçados por um sistêmico silêncio histórico.

A pele preta já vem do ventre tatuada inteira de história, que é a memória ancestral retratada na forma do nariz, na forma como lida, como fala, como luta e como cala, porque luta até no silêncio dos lábios mordíveis, mastigando qualquer coisa. Quando repara e se envergonha, o sorriso que contrasta. O tanto de amor que ela já sabe que vai precisar ensinar aos seus filhos, ela já guarda em cada maçã do rosto.” (NASCIMENTO, 2017)<sup>2</sup>

São de saberes transmitidos majoritariamente por via da oralidade, desde a forma de olhar, de dançar, de caminhar, de plantar, de louvar que, ainda que silenciada, a racionalidade negra perdura *aquilombada* nos corpos e práticas negras, como tematiza o poema/performance acima, de Luciene Nascimento (2017), *Tudo nela é de amar*.

---

<sup>2</sup> Poema *Tudo nela é de amar* de Luciene Nascimento. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ZoomUrbanoMidiaBilingueIndependente/videos/1049560878512556/>> Acessado em: 7 de agosto de 2017.

É a partir dessas reincidências históricas que esta reflexão aproxima-se da noção de *escrevivência*, conceito gestado por Conceição Evaristo, que cobra o direito da escrita como uma potência do incômodo. A concepção de *escrevivência*, como Evaristo (2017) sublinha, “não é pra adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2017)<sup>3</sup>. Nesse sentido, o conceito nasce da necessidade de projetar na escrita a história do povo negro por meio de suas próprias perspectivas. Como define a autora citada, essa escrita: “se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva”, e confere ao texto uma construção polifônica de vivências que se conectam por sua pertença ancestral diaspórica.

Evidenciar a escrita ou *escrevivência* das mulheres negras é uma forma de fazer ecoar perspectivas e revisões históricas, memórias e saberes, como também os traumas, medos e reflexões que buscam quebrar com silêncios históricos. Nas palavras da pesquisadora Cristiane Côrtes (2016), a *escrevivência* teria um papel duplo de releitura ou rasura da história; ela atua intimamente com as dimensões do silêncio, pois tem à frente mulheres intelectuais que utilizam conscientemente o poder de transformação da leitura e da escrita como forma de rever e reparar os silêncios históricos e os estereótipos concernidos à mulher negra. A autora entende que, a partir dos desdobramentos e da transgressão do silêncio, essa intelectualidade traz para o espaço da escrita a diversidade e a identidade, junto dos seus conflitos. “Seu caráter é de denúncia e sua ferramenta é a da experiência, pois nela há a possibilidade de leitura do que foi negligenciado”. (CÔRTEES, 2016, p. 53)

As expressões escritas e artísticas de mulheres negras empreendidas como forma de luta, tal como o próprio *feminismo negro*, são aqui pensadas enquanto uma forma de quebrar com silêncios. A dimensão dessa ruptura de fala e escuta é compreendida dentro da proposição compartilhada por Djamila Ribeiro dos Santos (2017) durante a palestra *Precisamos romper com os silêncios*, no TEDxSaoPaulo Salon, que destaca:

[...] Quando eu penso no silêncio, eu penso nos silêncios institucionais, eu penso nos silêncios em relação a naturalização das mortes dos corpos negros. Eu penso nos silêncios em relação às desigualdades. Eu penso nos silêncios, de quando a gente está em espaços, ou em um país como o nosso de maioria negra, e a gente não se enxerga, a gente não se vê nesses espaços. Aí, quando eu penso em silêncios, eu penso, como esses silêncios são construídos, a partir da imposição de uma voz única, de

<sup>3</sup> Entrevista cedida ao Nexo Jornal (2017). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acessado em 28 de julho de 2017.

uma voz que quer falar sobre nós, de uma voz que quer falar sobre meu corpo, que impede que uma pluralidade de vozes possam falar. Então ter direito à voz, é ter direito a humanidade. (SANTOS, 2017)

O direito à humanidade não é universal, historicamente ou na prática institucionalizada, como bem exemplifica o processo escravocrata e suas reincidências históricas. Garantir direitos passa por rupturas sistêmicas que silenciam a existência e o acesso ao direito humano de outridades não-brancas e periféricas. Porém, a falta de acesso e os silêncios institucionalizados não excluem a existência do ecoar de demandas. Kilomba (2008) lembra que denunciar os silêncios “não significa que não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes têm sido constantemente silenciadas, através de um sistema racista”. Essa impossibilidade de fala emerge de um projeto análogo sobre os sujeitos falantes e os seus/suas ouvintes, pois o ato de falar é fruto de uma negociação entre quem FALA e quem OUVE. O direito de fala necessita da companhia do direito de escuta, e essa inter-relação se inscreve como um ato de autorização para quem fala. Como destaca Kilomba: “eu só posso falar, se a minha voz for ouvida. Mas ser ouvida vai para além desta dialética. Ser ouvida também significa pertencer.” (KILOMBA, 2008)

A luta feminina negra carece de escuta. Como um modo de acessar o direito à humanidades negadas, ela cobra um esforço de entendimento histórico dos privilégios e um movimento que dilata pertencimentos. A fragilidade da escuta evidencia uma problemática estrutural, que autoriza determinadas falas e inculca o dever da escuta como mecanismo de aprisionamento para outridades não hegemônicas. Socialmente mulheres, e especificamente mulheres negras, são condicionadas a escutar o outro, mas, enquanto pertencentes do direito de fala e escuta, são constantemente interrompidas, silenciadas e pouco acessadas enquanto referências, como interlocutoras, catedráticas e ocupantes de cargos de destaque e liderança.

“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”<sup>4</sup>

O feminismo negro dentro da academia, entendido como aporte epistêmico e metodológico científico de análise e entendimento das realidades sociais, permite compreender a sociedade a partir de um deslocamento de fala, pois contrapõe a lógica

---

<sup>4</sup> título do manifesto de Sojourner Truth. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>> Acessado em 5 de agosto de 2021.

universalista euro-americana, heteropatriarcal do homem branco. Também evidencia as diferenças sociais existentes entre mulheres brancas, negras, indígenas e não-brancas. Como destaca Lélia Gonzalez (1998), em seu ensaio: “*Por um feminismo afrolatinoamericano*”, “as mulheres negras e indígenas são testemunhas vivas da exclusão” (GONZALEZ, 1998, p. 134). Gonzalez explica que o sexismo, assim como o racismo, parte de diferenças biológicas para estabelecer-se enquanto ideologia de dominação. De acordo com a autora, as abordagens sobre o tema necessitam destacar e buscar o entendimento sobre a complexidade da inter-relação de opressões raciais, de classe, sexo e poder, para assim, de fato, desmascarar as estruturas de dominação. (GONZALEZ, 1998)

Em seu ensaio “*Mulheres negras moldando a teoria feminista*”, beel hooks (2015) destaca o quanto os textos das feministas brancas estão recheados de racismo, e que eles atuam como meio de reforçar a supremacia branca, “negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais” (hooks, 2015, p. 196). Para a autora, a recusa feminista branca, no passado ou na atualidade, chama a atenção para hierarquias raciais; os ataques e desconexões revelam a falta de inter-relação entre os marcadores de gênero, raça e classe. Nesse sentido, os estudos interseccionais (CRENSHAW, 2002<sup>5</sup>) colaboram com a compreensão de como as opressões se entrecruzam e se combinam, e impedem a mobilidade social de mulheres negras. No feminismo negro, como aufere hooks, a luta de classes está indissolúvelmente ligada a luta para acabar com o racismo, a classe é:

[...] muito mais do que a definição de Marx sobre a relação com os meios de produção. Classe envolve o comportamento que adotamos, nossos pressupostos básicos sobre a vida. Nossa experiência (determinada por nossa classe) valida esses pressupostos, a forma como somos ensinados e nos comportar, o que esperamos de nós mesmos e dos outros, nosso conceito de futuro, como entendemos os problemas e os resolvemos, como nos sentimos, pensamos e agimos. (hooks, 2015, p. 196)

Historicamente as mulheres não-brancas são postas às margens das referências acadêmicas do feminismo branco. No lugar de minoria, as mulheres negras encaram a falta de reconhecimento de seus feitos e movimentos. Não é a toa que mulheres como

---

<sup>5</sup> O conceito de interseccionalidade surge dos estudos publicados por Kimberlé Crenshaw, no fim da década de 1980.

Sojourner Truth<sup>6</sup> são constantemente condicionadas ao esquecimento da história. Truth é um ícone da luta das mulheres. Ativista dos direitos das mulheres negras norte-americanas, destacou-se na ocasião em que os clérigos, em 1851, questionavam a necessidade dos direitos das mulheres. Na reunião, buscaram retificar o lugar de inferioridade das mulheres perante aos homens, por frágeis e intelectualmente débeis. No protagonismo histórico dos homens, com destaque para a figura masculina do filho de Deus, Jesus, atribuíam “às herdeiras do pecado original” o lugar da obediência, a guarda masculina. Truth encarou esses argumentos lembrando que esse mesmo Cristo, posto como símbolo da superioridade masculina, veio de uma Mulher.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem (TRUTH, 1851)<sup>7</sup>

A força do questionamento e a destreza de Sojourner Truth exemplificam o quanto a luta das mulheres negras vem de fundamentos ancestrais, especialmente quando ela recorda a força das mulheres negras a partir de suas vivências, compartilhando que teve mais de 13 filhos e viu quase todos serem vendidos como escravos. Ou mesmo quando relata que enquanto homens discutiam se as mulheres brancas, denotadas como frágeis, precisavam de ajuda para subir em carruagens e que mereciam o melhor lugar onde quer que estejam, ela jamais recebeu ajuda ou essa preocupação. Sojourner Truth lançou a interrogativa “E eu não sou uma mulher?”, questão ainda atual, que evidencia e denuncia as desigualdades entre as mulheres.

E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851)

---

<sup>6</sup> Sojourner Truth nasceu escrava em Nova Iorque, sob o nome de Isabella Van Wagenen, em 1787. Foi tornada livre em 1787. Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Tornou-se uma pregadora pentecostal, ativa abolicionista e defensora dos direitos das mulheres. Em 1843 mudou seu nome para Sojourner Truth (Peregrina da Verdade).

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acessado em 5 agosto de 2017.

O discurso de Truth toca em feridas e problemas sociais ainda não resolvidos, mas também nos permite compreender que o feminismo negro nasce da luta de mulheres, como Sojourner Truth, que encontra no ecoar de sua voz um modo de evidenciar as assimétricas estruturas e estimular a reincidência do questionamento.

Provocações históricas também estão presente na música *100% feminista*, resultado do dueto entre MC Carol e Karol Conka<sup>8</sup>(2016), que retrata o feminismo para mulheres negras como uma necessidade de projetar algo diferente em seu entorno. O feminismo enegrecido aqui nasce dos traumas que carregamos ao ouvir a vizinha apanhando, da memória de solidão que carregamos das mães solos negras, que se redobram para colocar comida em casa e manter vivas suas crias. De mulheres que enfrentaram pais, maridos e patrões, que carregam o trauma que assombra grande parte das mulheres periféricas, representado no alto-índice de mortes, abusos e estupros que as mulheres negras e periféricas sofrem. Nesse caso, não por acaso, a maioria é negra.

Presenciei tudo isso dentro da minha família  
 Mulher com olho roxo, espancada todo dia  
 Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia  
 Que mulher apanha se não fizer comida  
 Mulher oprimida, sem voz, obediente  
 Quando eu crescer, eu vou ser diferente [...]  
 Eu cresci! Prazer Carol Bandida,  
 Represento as mulheres, 100% feminista [...]  
 Represento Aqualtune, represento Carolina  
 Represento Dandara e Xica da Silva  
 Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro  
 Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo  
 Minha fragilidade não diminui minha força  
 Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça [...]  
 Mais respeito  
 Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto  
 Se tavam querendo peso, então toma esse dueto  
 Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona  
 Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s>>. Acessado 5 de outubro de 2021.

Me ensinaram que éramos insuficientes  
Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente  
Eu cresci!

Os índices de violência no Brasil revelam assimetrias e evidenciam como a herança colonial segue violando de forma específica as mulheres negras. Conforme o levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2015, os dados demonstram que a violência contra a mulher branca diminuiu no Brasil, e que cresceram os índices de violência sobre a mulher negra. O feminicídio entre mulheres negras representou na época um aumento de 54%, enquanto o de mulheres brancas caiu para 9,8%. Os dados coletados em 2020, marcados pelo contexto pandêmico da COVID-19, registram que o feminicídio segue tendo maioria entre mulheres negras, que representam 61,8% dos casos, e que enquanto a lesão dolosa contra mulheres recuou, o pedido de medidas protetivas com urgência aumentaram. Apesar do recuo dos índices de feminicídio em 2021, o período de isolamento registrou nos meses de maior restrição um aumento de casos, tal como registrou alta nos casos de estupros comparados ao ano de 2020. Os dados no geral ratificam a necessidade de políticas interseccionais para sanar essas desigualdades e violências de gênero.

Nesta perspectiva, o feminismo, para nós mulheres negras, nasce do contrariar a estatística, nasce de quem teve a oportunidade de aprender na prática que é PODER reclamar pelo direito de pensar sobre si e entre sua comunidade. Construído entre lutas miúdas e cotidianas, o feminismo negro e de periféricas retifica a necessidade de diálogo entre a teoria e a prática, especialmente por fazer valer o direito à existência e qualidade de vida de mulheres múltiplas.

## REPERTÓRIOS ANCESTRAIS EM MEDIAÇÃO

Mediar e abrir caminhos, lidos dentro da prática ancestral negra, são procedimentos incorporados que possibilitam às gerações futuras e seu contexto modos de sobrevivência e melhores condições de vida. Assim representam os terreiros, as baianas do acarajé, as escolas de sambas, os maracatus, as batalhas nas pistas, as Leis de Cotas e Ensino de África e referências afro-brasileiras na base curricular, as lutas femininas negras organizadas, cotidianas e de base.

Para a professora e pesquisadora Diana Pereira, “mediar exige colocar em ação sentidos corporais e sensibilidades cognitivas que requerem maior atenção”. O sujeito que media procura apreender o seu entorno e relacionar-se com ele, dentro de um exercício sensível, corporal e cognitivo, em que a visão e audição são elementos fundamentais. (PEREIRA, 2018, p. 45)

A mediação conduz encontros que abastecem processos de cooperação e reconstrução coletiva, ela não apaga as assimetrias, mas encara os desafios históricos e estruturais. A caminhada é gestada por uma necessidade de projetar inquietação e reconhecimento de que é necessário seguir construindo novas perspectivas.

Nesta análise, os estudos performáticos, tomando como referência os estudos de Diana Taylor (2013), consideram o repertório como uma dimensão do conhecer incorporado, evidenciam um modo de compreender o corpo em performance, como veículo de um movimento destinado a conexão do ancestral em seu devir.

Em consonância com este debate teórico localiza-se a performance “*Rompendo Silêncios*”, elaborada como intervenção cultural que parte da organização de mulheres negras em contexto universitário. A performance teve como intuito questionar e romper de forma artística com os silêncios históricos reproduzidos de maneira sistemática e estrutural pelos ideais da branquitude. Nosso objetivo, com a montagem, foi de performar junto de nossas vivências, pesquisas e diferentes vozes negras as problemáticas sociais que de alguma forma afligem a população negra diaspórica.

Os eixos criativos da performance incluíram canto, dados sociais, projeção e condução cênica. Foram 3 (três) experiências em que o conceito da performance foi encenado. A primeira durante a Calourada Preta da Unila em 2017, outra durante o mês da Consciência Negra e, por fim, como parte da apresentação de Trabalho de conclusão de curso em música de uma das integrantes, Adriana Panambi, no ano de 2017, evento em que a performance tomou seu último arranjo. Colaboraram com essa pesquisa cênica quem compartilha esta análise, que conduziu a concepção da obra e atuou nas três edições, e as performers Adriana Panambi, Clarissa de Souza, Gabriela Fernandes de Souza, os instrumentistas Mateus Alencar e Luciano Rocha, e também contamos com colaboração técnica de Rodrigo Birck com as projeções.

A performance, imbuída de repertórios múltiplos, conversa com corporalidades que buscam no movimento ancestral um modo de valorizar suas raízes, seus conhecimentos e suas práticas sociais. O elemento condutor da performance foi a noção de processo, o que poderia ser compreendido via o tornar-se negra e, como apontam os

estudos de Neusa Santos Souza (1983) e Lélia Gonzalez (1998), como uma conquista. Entraram em cena dados sociais sobre as desigualdades entre mulheres, aprisionamento de pessoas negras, índice de genocídio de jovens negros, acesso restrito à espaços de poder, salários desiguais. Conduziram o movimento corporal a noção de consciência do seu pertencimento, através do tambor e do espelho, conectores de um fazer cênico destinado ao olhar para si. O tambor, resultado da junção da árvore, do couro, do humano, embala o processo de aterramento, é o conector de temporalidades. O movimento cênico busca reconhecer a intersecção de trajetórias individuais com vivências coletivas, e a voz da Mulher negra ao reclamar a vida perdida dos filhos, as dores das violências sexuais, de gênero, orientação sexual e desigualdades econômicas, conduziram o círculo do encontro entre corporeidades negras em luta.

Sendo a miscigenação um processo programado de embranquecimento étnico-racial, o sentir-se parte de algo, o aquilombamento identitário, passa pelo saber olhar para o Espelho da história e enxergar a parte que te conecta e que te permite ser em devir. Neste aspecto, a performance trata de problematizar processos de embranquecimento, atendo-se à brutalidade do projeto de miscigenação, aos recalques e às formas simbólicas que desvalorizam a presença da melanina e impõe aos sujeitos negros uma necessidade colonial de embranquecer-se.



(imagem 1- Rompendo Silêncios)<sup>9</sup>

Das máscaras que nos acompanham, Franz Fanon (1952) destaca aquela que corporalidades negras utilizam em favor do embranquecimento. Em *Pele negra, máscaras brancas*, o psicanalista analisa como o racismo afeta as subjetividades negras, e edifica-se em recalques que inibem a existência desses sujeitos em sua plenitude ancestral. Durante a performance, os recalque são expostos e compõe um modo de reconhecer as diferentes facetas do racismo. Reconhecer e tratar o interdito configura o

---

<sup>9</sup> Performance *Rompendo Silêncios* (UNILA-2017) fotografia de Denise Rodrigues.

movimento de transgredir, em que a projeção do que deveríamos ser frente ao colonizador é corrompida pelo reconhecimento de quem somos perante o espelho/Abebê ancestral.

O espelho esteve presente na performance como elemento deste processo, do mergulho interior, com o aspecto ancestral que visibiliza o pertencer. O espelho em afro-perspectiva, quando pensado junto do Abebê de Oxum ou Iemanjá, a ferramenta de luta, proteção ou de conexão, chama a atenção para o amor descolonizado como cura; o autocuidado, o autoamor, aparece como um exercício de olhar epistêmico das Yabás (mulheres), que delibera e encoraja seus filhos para o reconhecimento de sua potência ancestral. Oxum e Iemanjá são as senhoras, deusas iorubanas, a força materna, a obstinação e vitalidade das águas, o fluxo que nutre e alimenta os Oris, que nos ensina sobre a ética e responsabilidade do encontro e cuidado de si.

Na imagem acima, a figura icônica de Anastasia, mulher negra escravizada, com a máscara de Flandres, colabora com a reflexão sobre os silêncios históricos destacados no início do artigo. Na performance, o processo de reconstrução de si, como parte de uma coletividade negra positivada, passa pela consciência das máscaras que são impostas como sentenças das estruturas racializadas, conferidas pelo castigo dado pelo senhor de escravo ou pelas amarras do sistema. São formas de silenciar vozes de luta, de agitação coletiva, que impedem a interação com o coletivo, a manutenção de formas de vidas simbólicas e físicas. O romper silêncios é conduzido pela denúncia do direito reduzido ou enclausurado de FALA e ESCUTA. Reconhecer as marcas que silenciam e dificultam a integralidade de existências negras é um modo de se olhar no Abebê, de receber o colo da mãe, seu ninar que embala sonhos de liberdade e de reconstrução de si, como parte de uma coletividade que descende de divindades, de reinos, de seres que foram escravizados mas que resistiram a este processo que buscou apagar e silenciar suas potências e epistemes afro diaspóricas.

A mediação cultural aqui é pensada como parte de um movimento que rearticula elementos históricos, como modos de aquilombamento e pertencimento, e possibilita um diálogo inter-relacional entre partes que se conectam na reconstrução das assimetrias sociais e em lutas antirracistas, interseccionais e inclusivas. As reflexões produzidas por Diana Pereira (2018) destacam que a “mediação cultural, pensada como categoria prática e também reflexiva, vinculada aos modos de ação social, atua na proposição de outras formas de sociabilidade, dentro da qual necessariamente precisa ser inclusiva e participativa.” (PEREIRA, 2018, p. 46) Nesse aspecto, a mediação cultural dentro do processo de criação performática de elaboração de espaços universitários, cursos,

pesquisas e suas extensões, está pensada como um elemento criador de comunidades e de sentidos, no qual a fricção e a tensão conduzem este processo de construção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrevivência embala este artigo no sentido de relacionar vivência, criação performática e referências femininas negras. O fazer performático da pesquisa propõe reflexões de marcas corporais femininas e cotidianas, como parte de um fazer dedicado à recepção coletiva. Em diálogo com procedimentos do feminismo negro, na teoria e na prática, este fazer interage como uma forma de luta, resistência e militância ancestral.

O registro da performance enquanto um procedimento em escrevivência, também atua como um modo de romper silêncios. Está localizada na necessidade de mediação cultural, pensada em perspectiva empírica e teórica, enquanto ferramenta e possibilidade de empoderamento de mulheres negras. O mediar atravessa a prática performática configurando-se como uma forma de enfrentar, desconstruir, habitar, sociabilizar e projetar (re) existências múltiplas. Atendo-se que o feminismo negro requer constante relação com a práxis, e nesse sentido é indispensável compreender que sua fundamentação não parte da conceitualização do termo, mas sim, da prática e da resistência feminina negra periférica, é necessário esse cuidado com o tema, pois não podemos correr o risco de corroborar ou induzir ao esquecimento uma intelectualidade negra que não circulou no ambiente acadêmico, mas que produziu conhecimento e ferramentas que propiciam o atual debate neste lugar. Devemos entender, tal como afirma Angela Davis, que as mulheres negras têm uma trajetória de luta histórica que perpassa o tempo, geografias e barreiras da nação, pois foram e são suas práticas que mantiveram a esperança da liberdade viva. (DAVIS, 2017)

Ser mulher negra e periférica cobra das epistemologias mais que referências confiáveis, pois a racionalidade da mulher negra periférica é movimentada junto de motivações ancestrais. Nesse sentido, a pesquisadora Núbia Regina Moreira (2007) destaca que as mulheres negras buscam no terreno político, artístico e acadêmico, “garantir um espaço de representação, para demarcar a especificidade de suas demandas cotidianas, tanto de sua condição de mulher negra em relação ao movimento negro e, principalmente, destacando seus diferenciais em relação ao feminismo branco” (MOREIRA, 2007, p. 65-70). Entendendo ainda que o feminismo branco tenha surgido

em um período de transformação dos paradigmas das ciências sociais, ele foi alimentado por uma ideia de mulher universal.

Nesse sentido, Angela Davis, na abertura do Curso Internacional *Decolonial Black Feminism in The Americas*, realizado na cidade de Cachoeira - Bahia, pela UFRB (2017)<sup>10</sup>, ressalta que as lideranças das mulheres negras, não são um tipo de liderança que visa dar visibilidade ou poder a indivíduos, nem a um tipo de liderança que é baseado em carisma, mas sim é um tipo de liderança que enfatiza as inversões e práticas coletivas, pois ela está fundamentada na vivência comunitária. Sendo assim, essa liderança é fundamentalmente coletiva. Conversa com a proposição de Davis a movimentação performática *Rompendo Silêncios*, que neste artigo conduziu um modo de reflexão referenciada no protagonismo feminino negro e seu uso como aporte de construção coletiva.

O feminismo negro, como ressalta hooks (2015), é uma forma de resistirmos à dominação hegemônica das proposições da branquitude, inclusive do pensamento feminista branco. As teorias feministas estão em formação, e nosso papel, como aponta hooks, é criticar, questionar, reexaminar, explorar novas possibilidades e reforçar as especificidades de nossas lutas cotidianas. Hooks reforça a necessidade de perspectivas críticas aterem-se a interseccionalidade das combinadas opressões que vivenciamos, atendo-se que “a formação e construção de uma teoria feminista crítica libertadora é de responsabilidade coletiva”. (hooks, 2015, p. 208)

## REFERÊNCIAS

CÔRTEZ, Cristiane. *Diálogos sobre escrevivência e silêncio*. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.

DAVIS, Angela. *Curso Internacional Decolonial Black Feminism in The Americas* realizado na cidade de Cachoeira- Bahia, pela UFRB, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NDwbjSvpDZo&t=4615s>>. Acessado em: 20 de Julho de 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NDwbjSvpDZo&t=4615s>>. Acesso em: 20 de Julho de 2017.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra*. In: Nexos Jornal, 2017. Disponível: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>> Acesso em: 28 de jul. de 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo Afro-Latino-Americano*. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, n. 1, p. 12-20, 2011.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

HOOKS, Bell. Mulheres negras moldando a teoria feminista. In: *Revista brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, p. 193-210, 2015.

JESUS, Camila Moreira de. Branquitude x Branquidade: uma análise conceitual do ser branco. In: *Anais do III Encontro Baiano de Estudos em Cultura*, maio 2012.

MOREIRA, Camila. BRANQUITUDE É BRANQUIDADE UMA REVISÃO TEÓRICA DA APLICAÇÃO DOS TERMOS NO CENÁRIO BRASILEIRO. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 73-87, jun. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/151>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

KILOMBA. Grada. *DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO: Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba*. São Paulo: 2016. Disponível em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2017.

NASCIMENTO, Luciene. *Tudo nela é de amar*. 2017, Disponível em: <<https://www.facebook.com/ZoomUrbanoMidiaBilingueIndependente/videos/1049560878512556/>> Acesso em: 7 de ago. de 2017.

FBSP – Fórum brasileiro de segurança pública. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015*. São Paulo: FBSP, 2015. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/storage/9 anuario 2015.retificado .pdf](https://forumseguranca.org.br/storage/9%20anuario%202015.retificado.pdf). Acesso em: 10 set. 2017.

FBSP – Fórum brasileiro de segurança pública. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021*. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 04, fev. 2022.

MOREIRA, Núbia Regina. *O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulher negras no Rio de Janeiro e São Paulo*. 2007, 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SANTOS, Djamila Ribeiro. Conferência Epistemologias de Mulheres Negras, no *II Congresso Internacional de Epistemologias do sul: perspectivas críticas e I Jornada de estudos afro-latino-americano*. UNILA, 2017.

SANTOS, Djamila Ribeiro. Palestra *Precisamos romper com os silêncios*, TEDxSaoPauloSalon, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&t=67s>> Acesso em 20 jun.2017.

TRUCH, Sojourner. *E eu não sou uma mulher?*. 1851. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>> Acesso em: 5 de ago. de 2017.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da complexidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983

Data de recebimento: 06/04/2022  
Data de aprovação: 08/06/2022